

## A MENTALIDADE, O TEMPO E OS GRUPOS SOCIAIS

(Um exemplo português da época das descobertas:  
Gomes Eanes de Zurara e Valentim Fernandes)

Em 1837, na Biblioteca Nacional (então Real) de Paris, Ferdinand Denis fez um achado de grande importância para a polémica tão pouco científica que se travava à volta da prioridade das descobertas portuguesas do século XV. Ferdinand Denis (1) encontrou o manuscrito da *Crônica dos feitos de Guiné* (2), única obra contemporânea do Infante D. Henrique em que se relatam os seus descobrimentos africanos. O achado foi tanto mais sensacional quanto se tratava de manuscrito há longos anos perdido. A última e única referência que dêle havia, e certamente de exemplar bastante adulterado, era de João de Barros nas *Décadas da Ásia* (3) no segundo quartel do século XVI. Damião de Góis em 1567 já não sabe do seu paradeiro. Foi impresso pouco tempo após o seu achado com o entusiasmo tão científico quanto patriótico do Visconde de Santarém (4). A êste achado outros se seguiram, embora de menor importância. Em 1847 J. A. Schmeller descobre em Munique o *Codex monacensis hispanicus* 27 na "Bayrische Staats-Bibliothek, Handschriften-Abtheilung", o qual veio a ser editado em 1940 pela *Academia Portuguesa de História* com

- (1). — Ferdinand Denis anunciou o seu achado a páginas 43-45 do 2.º volume das *Chroniques chevaleresques de l'Espagne et du Portugal* (Paris, 1839).
- (2). — A Guiné da *Crônica* difere da hoje assim chamada: sem limite meridional definido, começava ao norte no Cabo Bojador à latitude de 27º N; para alguns cerca de 20 léguas acima da foz do Senegal, como indicam os Capítulos 31º e 60º da *Crônica*.
- (3). — *Ásia*, Década 1.a, Livro I.
- (4). — Impresso pela primeira vez, em Paris, em 1841, com *Introdução e Notas* do Visconde de Santarém e um glossário de Inácio Roquete, e com o título: *Chronica do Descobrimto e Conquista de Guiné...* — Dêste manuscrito de Paris fizeram-se até hoje mais duas edições portuguesas: em 1937 por José de Bragança — *Crônica do descobrimento e conquista da Guiné*, segundo o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris; modernizada, com notas, glossário e uma introdução... (2 vols., Pôrto, 1937); em 1949, edição da "Agência Geral das Colônias" com o título de *Crônica dos feitos de Guiné*. Em 1897-1899, edição inglesa em 2 vols. por Charles Raymond Beazley e Edgar Prestage.

o título: *O Manuscrito Valentim Fernandes* (5). Nesta coletânea há um texto intitulado *Crônica da Guiné* que à primeira vista foi classificado como um resumo do manuscrito de Paris ou cópia de manuscrito simplificado do mesmo Códice. Alguns anos mais, e em 1879 Ernesto do Canto revela a existência de cópias do manuscrito de Paris em Madri e Munique, sendo a de Madri do século XVII e a de Munique do século XVIII. De simples cópias se trata, pois a comparação minuciosa com o manuscrito de Paris apenas revela diferenças na letra, muito mais recente a destes últimos.

E' sôbre o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris — e muito justamente pois é o mais antigo e completo — que a ação da crítica se tem exercido. Mais de trinta trabalhos, uns extensos, outros nas dimensões de artigos de jornal e revista, se escreveram até hoje, na mira de tudo tirar do achado de Ferdinand Denis. Se considerarmos a bibliografia, que embora não tenha como objetivo fundamental a *Crônica dos feitos de Guiné*, a ela se refere e às vêzes largamente, somos levados a ter em conta uma bibliografia que ascende a uma centena de pequenos e grandes trabalhos.

O primeiro problema que se pôs relativamente ao manuscrito de Paris foi o da sua data. Nele lemos ineludivelmente 1453. Mas João Teixeira Soares de Sousa (6) em 1881, e Gama Barros (7) em 1896-1922, puseram pela primeira vez em dúvida essa data. Mais tarde e a partir destas sugestões, Duarte Leite (8), Costa Pimpão (9), José de Bragança (10) e Vitorino Maga-

- (5). — Nesta coletânea distinguimos: o *diário* da viagem de D. Francisco D'Almeida às Índias Orientais em 1505-1506, escrito por Hans Mayr, com o título: *Do viagê de Dô Francisco Dalmeida primeyro viso rey de India e este quaderno loy trelladado da nao Sã Raffael e q hia Hans Mayr por scriuã da feytoria e capitã Fernã Suarez; as descrições do próprio Valentim Fernandes: A descripçã de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia pellos nomes modernos proseguido as vezes algúas cousas do sertão da terra firme — sprito no ãno de 1507 — e Das ylhas do mar oceano, muito provavelmente também de 1507; o texto transcrito ou resumido por Valentim Fernandes em 1506 e intitulado *Crônica da Guiné; o De prima iuentione Guineo* de Diogo Gomes e Martim Behaim, descrição escrita por Martim Behaim a partir do relato oral de Diogo Gomes, datada de entre 1485 e 1492, sabendo-se haver no texto passos posteriores a 1496; e finalmente, os roteiros anônimos, escritos certamente antes de 1500: *Este liuro he de rotear .s. de todo Portugal e de Galla atee Sorlinga e Oexamte e daq ylhas de Madeyra e dos Açores e de Guynee e começa de fallar de como jaz a Berlenga cõ ho cabo de Fijsterra, Ho liuro das Rotas do Castello de Sam Jorge, Aqui falla da rota do Cabo Fremoso pera ylha de Samtamoneo, Do Ryo Grãde.**
- (6). — *Carta de 16 de março de 1881*, a páginas 425 do IX vol., 2.º Suplemento, do *Dicionário bibliográfico português* de Inocêncio (Francisco da Silva).
- (7). — *História da Administração Pública em Portugal*, Lisboa, 1896-1922 (Nota XIV do 2.º vol.). Em 1925, José Saraiva em *Os Painéis do Infante Santo*, ps. 224 e segs., dá-nos uma crítica inteligente mas enganadora às páginas de Gama Barros. Para José Saraiva a data da *Crônica* seria a inserta no manuscrito de Paris: 1453.
- (8). — Vários trabalhos dedica Duarte Leite a Zurara e à *Crônica dos feitos de Guiné*, mas de todos o mais importante e talvez mesmo o que de mais penetrante e segudo tenha sido escrito sôbre o assunto, está no seu livro: *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1941.
- (9). — Álvaro Júlio da Costa Pimpão, como Duarte Leite, em vários trabalhos se occupou do assunto, sendo no entanto o mais importante, o seu opúsculo: *A Crônica dos feitos de Guiné e o manuscrito Cortez-D'Estrées*, Lisboa, 1939.
- (10). — Ver a *Introdução* e as *Notas* da sua edição da *Crônica*.

lhães Godinho (11), voltaram ao problema, alargando-o, e deitando de vez por terra aquilo que parecia evidente. A *Crônica dos feitos de Guiné* não é de 1453, pois no seu texto em vários passos se dá o Infante D. Henrique como morto, sabendo nós com tôda a segurança, por outro lado, que a sua morte se dá em 1460. Daí ser a *Crônica* de data posterior a 1460. E se procurarmos mais precisamente a sua data, ainda o problema se complica, pois Duarte Leite e Costa Pimpão mostraram que a *Crônica* não é homogênea, tendo sido as suas partes escritas em datas diversas e até por autores diversos. E' o próprio Zurara que em três passos da *Crônica* (12) refere-se a um Afonso Cerveira como o autor de uma *Crônica da Guiné* de que êle se teria aproveitado. E de acôrdo com as conjecturas dos autores atrás citados, Zurara teria escrito outra *Crônica* que não a "... dos feitos de Guiné", e que teria sido a *Crônica dos feitos do Infante D. Henrique* (na linguagem de Costa Pimpão) ou o *Panegírico do Infante D. Henrique* (na linguagem de Duarte Leite). Zurara teria posteriormente feito a junção dos dois textos, intitulado-os *Crônica dos feitos de Guiné*. Neste enxêrto é relativamente fácil distinguir os passos e capítulos pertencentes a cada uma das obras. Zurara teria feito o enxêrto após a morte de Afonso Cerveira, personagem de difícil e de até hoje infrutífera identificação. Mas tôdas estas conjecturas só tomam corpo como fatos difíceis se não impossíveis de rebater se ajuntarmos à crítica do texto da *Crônica*, o enquadramento do texto, melhor, dos textos, na trama social em que surgiram. Gomes Eanes de Zurara foi o *cronista oficial e guarda-mór da Torre do Tombo* que sucedeu a Fernão Lopes. Fernão Lopes fôra o cronista da revolução de 1383-1385, revolução da burguesia comercial-marítima contra a nobreza enfeudada a Castela. Fernão Lopes fôra o cronista do povo. "As suas páginas são um formigueiro humano, em que os pobres mesteirais, a gente do povo, desempenham papel tão grande, ou maior ainda do que os fidalgos de raça". Para êle "... não são apenas os feitos de guerra que valem, mas tôda a estrutura administrativa e econômica do País fica patente aos nossos olhos..." (13). As suas *Crônicas*, de D. Pedro, D. Fernando, e sobretudo, a de D. João I, são disto um índice notável. Zurara respira uma outra atmosfera social. E' no seu tempo que se reacende o conflito entre as classes urbanas e a nobreza. O Infante D. Pedro era como que um novo D. João I. O Infante D. Henrique por um lado e o Infante D. Pedro por outro, são símbolos de visões diferentes e até opostas. São símbolos de

(11). — *Documentos sobre a Expansão Portuguesa*, 2 vols., Lisboa, s/d; Duarte Leite, *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1941. *Nota Crítica*..... in Revista da Faculdade de Letras de Lisboa, tomo VIII, 2.a série, n.º 1, 1942; *Comemorações e História*, Lisboa, 1947; *Fontes Quatrocentistas para a Geografia e Economia do Saara e Guiné* in *Revista de História*, São Paulo, janeiro-março de 1953, n.º 13, ps. 47-65. -

(12). — Capítulos XXXII, LVI, e LXXXIV.

(13). — Rodrigues Lapa: *História da Literatura Portuguesa* (Época Medieval); 3.a edição revista e acrescentada; Coimbra, 1952; p. 378.

duas políticas contrárias. Enquanto o Infante D. Pedro se manifesta contra a manutenção de Ceuta, o Infante D. Henrique defende acérrimamente a sua conservação. Quando D. Pedro condena a expansão territorial em Marrocos, advoga-a ardentemente o Infante D. Henrique. Quando D. Pedro considerava que guerrear os infiéis só por não serem cristãos não era serviço de Deus, o Infante D. Henrique tinha opinião intransigentemente oposta e dizia não se poder duvidar ser a guerra de mouros serviço de Deus e a maior honra do mundo. Enquanto os navios henriquinos ficavam a piratear, os não henriquinos, em certos casos de D. Pedro, prosseguiam a rota para o Sul para descobrir. Enquanto durante a Regência e governo de D. Pedro, em escassos oito anos, se exploram 198 léguas de costa africana, nos doze anos seguintes descobrem-se apenas 94 léguas (o que é pouco, mesmo atendendo às maiores dificuldades da navegação) (14). O Infante D. Henrique — no dizer de Veiga Simões — foi o cavaleiro medieval, que sem o querer, acabou por ser um dos grandes construtores do mundo moderno (15). O Infante D. Pedro foi o príncipe cosmopolita, viajado, o culto autor da *Virtuosa Benfeytura*, o homem que tinha auscultado a sua época através dos ambientes mais variados, sabendo a pleno que o futuro não estava nos torneios de cavalaria e na expansão territorial, mas sim no espírito de descobrimento, no comércio e na colonização pacíficos. Foi como que o chefe do partido da burguesia das cidades, e foi graças às forças populares que chegou à Regência do Reino. Mas a resistência da facção adversa não desarma e acaba por vir a sepultá-lo em Alfarrobeira. D. Pedro morre em Alfarrobeira em 1449, e com a sua derrota militar morre como força dirigente dos destinos do Portugal quatrocentista a sua política. E é então que os vencidos de Alfarrobeira são perseguidos, indo a perseguição até às fogueiras nos arquivos públicos numa tentativa de fazer desaparecer todos os vestígios da ação do insurrecto, o Infante D. Pedro (16). E daqui a substituição de Fernão Lopes, já velho "... e flaco...", Fernão Lopes que fôra o cronista do povo e que passara uma vida modesta, por Gomes Eanes de Zurara, cronista áulico, cuja vida foi cheia de sucessos felizes, de bens e honrarias. Era preciso que não fôsse Fernão Lopes a continuar a *Crônica de D. Pedro I...*, era preciso que outro, com outra visão e outros compromissos a terminasse. E foi Zurara a continuá-la

(14). — Vitorino Magalhães Godinho: *Comemorações e História* (A descoberta da Guiné); Lisboa, 1947; ps. 35-37.

(15). — Veiga Simões: *O Infante D. Henrique. O seu tempo e a sua ação*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*; Lisboa, 1937; Vol. I, p. 356.

(16). — Para tóda esta interpretação dos acontecimentos, ver: o trabalho de Veiga Simões indicado na nota anterior; José de Bragança, *Introdução e Notas* à sua edição da *Crônica*; Vitorino Magalhães Godinho: *Documentos sobre a Expansão Portuguesa* (1.º vol.), Lisboa, s/d; *Comemorações e História*, Lisboa, 1947; *Pontes Quatrocentistas para a Geografia e Economia do Saara e Guiné* in *Revista de História*, São Paulo, janeiro-março de 1953, n.º 13, ps. 47-65.

na sua *Crônica da Tomada de Ceuta...* (17). Zurara, filho de cônego, cheio de honrarias e benesses, era bem o homem de que necessitava a facção adversa a D. Pedro para fazer a apologia do Infante D. Henrique, dos feitos de cavalaria e da política de expansão territorial. José de Bragança (18) chega mesmo a pôr a hipótese de Afonso Cerveira ter sido o cronista de D. Pedro, pois a interrupção em 1448 dos feitos relatados na *Crônica*, torna-se suspeita: 1448 não é uma data que marque época na vida do Infante D. Henrique, mas é-o indubitavelmente relativamente a D. Pedro. Alfarrobeira havia de dar-se pouco tempo depois, já em 1449. E daqui à consideração de que muitos dos feitos atribuídos ao Infante D. Henrique, no manuscrito que conhecemos da *Crônica*, eram feitos de D. Pedro, vai um pequeno passo. Zurara além do enxêrto, teria feito, no manuscrito que deixou, a substituição em numerosos passos do nome do Infante D. Pedro pelo nome do Infante D. Henrique.

O papel dado por Fernão Lopes ao povo, à arraia-miúda, nas suas *Crônicas* está completamente ausente da *Crônica dos feitos de Guiné* de Zurara, e não o está menos das suas restantes *Crônicas* (19). Zurara mostra mesmo o seu desdém para com a arraia-miúda e os acontecimentos dependem sempre da vontade e ação dos grandes personagens, entre os quais se destaca como figura de primeiríssima grandeza o Infante D. Henrique. Na *Crônica dos feitos de Guiné* começa logo por nos dizer dos motivos que moveram o Infante, fazendo dêle e da sua vontade o motor de que tudo vem a depender. Uma outra concepção da vida, uma outra concepção da história. Depois, a sua *Crônica dos feitos de Guiné* não é uma *Crônica dos descobrimentos*. O seu objetivo não foi historiar o *descobrimto* da Guiné, mas sim historiar a sua *conquista*. Erraram o Visconde de Santarém, e José de Bragança quando nas suas edições escreveram *Crônica do descobrimto...* A *Crônica* comporta 97 capítulos, 83 dos quais são preenchidos pelas escaramuças com os indígenas, os cativeiros, matanças, rapinas, etc.. Trinta e dois títulos de capítulos referem-se expressamente aos combates e ao aprisionamento de mouros. Não lhe quadra pois o título de *Crônica dos descobrimentos...*, e até porque a palavra *descobrimto* ou *descoberta*, nunca aparece através do seu texto. Trata-se de palavra mais recente e que só ve-

---

(17). — A chamada *Crônica da Tomada de Ceuta...* foi editada pela primeira vez em 1644 com o título: *Chronica del Rey D. Joam I...* *Terceira parte em que se contem a tomada de Ceuta*; em Lisboa, à custa de António Álvares. Teve depois mais duas edições: em 1899-1900 na *Biblioteca dos Clássicos Portugêses* por Luciano Cordeiro e Melo de Azevedo, e em 1915 por Francisco Maria Esteves Pereira.

(18). — Na *Introdução* à sua edição da *Crônica*; p. XXXIX.

(19). — Além da de *Guiné* e da de *Ceuta*, atrás citada, conhecem-se mais duas *Crônicas* de Zurara: *Crônica do Conde D. Pedro de Menezes...* e *Crônica do Conde D. Duarte de Menezes...*, das quais existe apenas uma edição, pelo Abade José Correia da Serra em 1792 e 1793 na *Colecção de livros incluídos de História Portugêsa...*

mos aparecer em textos do último quartel do século XV (20) e sobretudo a partir dos primeiros anos do século XVI. O título que lhe quadra, e que lhe é dado pelo próprio Zurara no Capítulo 113 da sua *Crônica do Conde D. Duarte de Menezes...*, é *Crônica dos feitos de Guiné*.

Zurara não foi um navegador. De contactos com navegadores apenas declara ter conhecido dois (Heitor Homem e João Fernandes), não dos mais importantes e não dos mais ligados às atividades das grandes descobertas. E talvez daqui, a razão do grande número de deficiências de que enferma a *Crônica*, segundo Duarte Leite a mais imperfeita de todas as que nos deixou Zurara. É também provável que Afonso Cerveira não tenha sido navegador, e Zurara não tenha feito mais do que reproduzir-lhe os erros e as deficiências. Duarte Leite (21) dá-nos uma muito completa relação das imperfeições da *Crônica*. Há nela omissões, erros, e contradições, dos mais variados tipos. A título de exemplo, poderemos dizer:

1. — A *Crônica* é pobre de dados sobre os produtos vindos da Guiné ao reino, e nada diz do tráfego dos sertões para as costas atlânticas ou mediterrâneas;
2. — nada diz do poder dos mouros ao longo do noroeste africano;
3. — à miséria das suas notícias não permite que se faça a menor idéia da configuração dos litorais: faltam totalmente os rumos das costas, e das distâncias pouquíssimas são indicadas, e sempre com enorme exagêro, como veremos mais adiante;
4. — a nomenclatura dos lugares sucessivamente descobertos é muito escassa: basta dizer que numa extensão de costa avaliada pelo cronista (com grande exagêro, diga-se) em 450 léguas, não menciona mais de 11 nomes de origem portuguesa, dos quais um só nas últimas 110, sabendo-se por outro lado que em 1448 o cartógrafo veneziano André Branco dava para a mesma extensão de costa 35 nomes portugueses;
5. — atrasa de um ano o cerco e descêrco de Ceuta;
6. — diz no capítulo 5.º que o Infante mandou fazer duas igrejas em Pombal e Soure, o que é errado;
7. — erra a data da volta do Infante de Tanger e erra na data da fundação da vila no promontório de São Vicente;

---

(20). — Jaime Cortesão: *A Carta de Pero Vaz de Caminha*; Nota I, págs. 247 e 258-9.

(21). — *Acêrca da Crônica dos feitos da Guiné*; Lisboa, 1941; Capítulo VI — Erros, Contradições e outros defeitos da *Crônica da Guiné*; ps. 133 a 171.

8. — erra quando fala de causas mercantis para explicar a fundação da vila no promontório de São Vicente, sabendo-se que a vila servia para fornecer os navios arribados ao Cabo de Sagres, de água, mantimentos, etc., e para dar sepultura aos tripulantes que tivessem falecido;
9. — é inexato tudo o que diz acêrca do povoamento do arquipélago da Madeira e de duas ilhas dos Açores;
10. — é inexato também tudo o que diz acêrca das visitas iniciais dos portugueses ao arquipélago da Madeira;
11. — erra no número de cativos trazidos ao reino nas viagens de Nuno Tristão e Antão Gonçalves;  
— no capítulo 5.<sup>o</sup> diz que o Infante na conquista de Ceuta foi capitão duma frota, no capítulo 50.<sup>o</sup> diz que o Infante teve apenas a capitania do seu navio;
12. — indica com quatro datas diferentes o comêço das tentativas para passar o cabo Bojador (1419 no capítulo 83.<sup>o</sup>, 1421 no 9.<sup>o</sup>, 1422, no 8.<sup>o</sup>, e 1424 no 13.<sup>o</sup>);
13. — contradiz-se no número de caravelas idas à Guiné até 1446 (51 no capítulo 78, mas somando tôdas as que êle menciona acham-se em vez de 51, 63);
14. — no capítulo 49 lê-se que Gonçalo de Sintra foi morto na ilha de Tider, quando no capítulo 27 se diz o mesmo fato ocorrido na de Naar;
15. — refere-se a coisas ditas que todavia o não foram (no capítulo 32 fala de Diogo Afonso como se já dêle tivesse falado, e no entanto é a primeira vez que o faz; no capítulo 85 fala de Afonso Marta também como se já dêle tivesse falado, e no entanto é a primeira vez que dêle fala; no título do capítulo 10.<sup>o</sup> lê-se que Afonso Gonçalves Baldaia chegou ao rio do Ouro — nome omitido no texto; no capítulo 30.<sup>o</sup> diz que Nuno Tristão foi a Tira — nome que também não aparece no texto).

Duarte Leite (22) verificou os erros das distâncias indicadas na *Crônica*, e como primeira observação significativa há o fato de nas 62 distâncias indicadas, só 7 serem verificáveis, e mesmo nestas 7 haver erros que vão de mais de 22% a 55%. Os erros foram calculados por comparação com as mesmas distâncias no

(22). — *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1941; ps. 163 e seguintes. Ver ainda: Antônio J. Dias Dinis, *O V Centenário do descobrimento da Guiné portuguesa à luz da critica histórica*, Braga, 1946; e ainda, de Duarte Leite, *O V Centenário do descobrimento da Guiné portuguesa por Antônio J. Dias, O.F.M.* (Braga, 1946), in *Sears Nova*, N.º 1000-7 de 20 de outubro de 1946.

*Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira; distâncias que Duarte Leite considerou suficientemente exatas. Eis o quadro que nos dá Duarte Leite e que é fortemente significativo no que diz respeito ao *sentido da precisão* numa mentalidade de *cronista régio* como o foi Zurara:

Distâncias	na Crônica (em léguas)	no Esmeraldo (em léguas)	Excessos
1) Do Cabo Bojador ao rio do Ouro .....	120	54	55%
2) Do rio do Ouro ao pôrto ou pedra da Galé .....	50	34	32%
3) Do Cabo Branco à ilha de Gete (uma das de Arguim) .....	25	12	52%
4) Da ilha de Tider ao Cabo de S. Ana .....	>35	27	>22%
5) Do Cabo de S. Ana à terra dos negros .....	80	<50	>37%
6) Do Cabo Verde ao rio onde foi morto Nuno Tristão .....	60	30	50%
7) Do Cabo Bojador ao Cabo Verde .....	340	225	34%

Das restantes indicações numéricas dadas na *Crônica* haverá a notar ainda a ausência total de latitudes, o que de resto não consideramos significativo. Consideramos com algum significado o fato de só duas profundidades serem indicadas, se bem que para o caso das profundidades não tenha o mínimo sentido o cálculo dos erros, pois a comparação com as profundidades atuais não tem o mínimo significado — a realidade pode muito bem já não ser a mesma.

Jaime Cortesão em 1924 (23) tem a idéia de que as descobertas portuguesas desde muito cedo se revestiram de segredo e duma autêntica política de sigilo, imposta pelos próprios dirigentes. O ponto de partida de Jaime Cortesão foi um alvará de 1504, no qual D. Manuel proibe sob pena de perdimento de bens que nas cartas de marear (não oficiais, é claro) seja figurada a costa ocidental africana ao sul do rio do Congo, e igualmente proibe a confecção de pomas ou globos. Jaime Cortesão faz notar a escas-

(23). — Ver principalmente: *Do sigilo nacional sôbre os descobrimentos*, na revista *Lusitânia* (1924); refere-se ao mesmo assunto, com mais ou menos desenvolvimento, nos seguintes trabalhos: *O âmbito da obra do Infante*, no *Boletim da Agência Geral das Colônias* (1926); *L'expansion des portugais dans l'histoire de la civilisation*, Bruxelas (1930); *O desígnio do Infante e as explorações atlânticas até à sua morte*, no vol. 3.º da *História de Portugal*, de Barcelos; *Influência dos descobrimentos dos portugueses na história da civilização*, no vol. 4.º da mesma *História de Portugal*; *A viagem de Diogo de Teive e Pero Vasques de la Frontera ao banco da Terra Nova em 1452*, vol. 1.º do *Arquivo Histórico da Marinha*, Lisboa (1933-36); *The precolumbian discovery of America*, vol. 89 de *The Geographic Journal*, Londres (1937); *Teoria geral dos descobrimentos portugueses*, Lisboa (1940); *História da América*, vol. 3.º, Barcelona (1947).

sez de elementos que até nós chegaram para o conhecimento dos descobrimentos pré-manuelinos. Se Zurara na sua *Crônica dos feitos de Guiné* nos dá elementos para ajuizarmos dos descobrimentos promovidos pelo Infante D. Henrique até 1448, quase nada sabemos das viagens que se devem ter realizado de 1448 até à morte do Infante em 1460, e muito pouco das viagens realizadas até ao fim do século, até à vitoriosa viagem de Vasco da Gama. Depois, Duarte Pacheco Pereira, João de Barros, e alguns diplomas, muita coisa nos dizem, mas assim mesmo há clareiras que até hoje se mantiveram. O desaparecimento de várias crônicas, de Fernão Lopes, de Zurara, de Vasco Fernandes de Lucena (que Jaime Cortesão supõe ter sido autor de crônicas); o desaparecimento da crônica de Afonso Cerveira, etc.; as crônicas de Rui de Pina onde mal se alude às descobertas e às atividades marítimas, e sobretudo não se fala das mais importantes viagens de descobrimento, são entre outros, fatos que levaram Jaime Cortesão a defender a tese do sigilo nos descobrimentos, e a ver atuar a censura em muitos dos escritos da época. As deficiências de toda a ordem, como os erros, as omissões e mesmo as contradições, explicar-se-iam a partir deste propósito de segredo. A *Crônica dos feitos de Guiné* é uma das fontes, segundo Jaime Cortesão, onde a atuação desta censura é mais evidente. Mas Duarte Leite (24) demonstrou que não houve sigilo, pelo menos até aos últimos anos do século XV (reinado de D. Manuel), e mesmo a partir desta época o sigilo não foi certamente rigoroso. Muitos argumentos e irrefutáveis aduz Duarte Leite contra a tese de Jaime Cortesão. Entre eles, podemos mencionar o fato de estrangeiros terem tido papel de relêvo em muitas das viagens, como por exemplo, Ca da Mosto, Antonioto Usodimare, Bartolomeu, Antônio e Rafael de Nole, relativamente à Guiné. Levam-se para Veneza cartas de marear, relatam-se para Gênova episódios de viagens, escrevem-se descrições como as *Navigazioni* de Ca da Mosto ou o *De prima inventione Guinee* de Martim Behaim a partir de relato oral de Diogo Gomes. A passagem por Portugal de Martim Behaim é outro exemplo. A existência do *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira, obra encomendada pelo próprio rei, e começada em 1505, e onde o objetivo fundamental era a descrição da rota da Índia, parece a Duarte Leite testemunho muito importante e que colide de maneira notória com o alvará atrás citado, de 1504. Na *Crônica dos feitos de Guiné*, há para Jaime Cortesão duas espécies de deturpações e mutilações: umas feitas deliberadamente pelo próprio autor, omitindo ou desvirtuando fatos fundamentais na obra do Infante, outras provenientes da censura, que teria truncado a primeira parte da obra e suprimido a segunda. Quanto às primeiras, apenas uma delas é comentada por Duarte Leite, pois

(24). — O sigilo nacional dos descobrimentos, in *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*, Lisboa (1941); Apêndice B.

as outras não passam de conjecturas. A comentada, diz respeito às viagens de servidores do Infante ao Egito, à Abissínia do Preste João e à Índia, fatos capitais nos seus planos, dos quais Zurara nos dá vagos indícios. Duarte Leite acaba por concluir que as viagens ao Oriente próximo e remoto não passam de devaneios, e não há que imputar a Zurara uma sua mal velada denúncia. Quanto às segundas, começa por afirmar que a supressão da segunda parte da *Crônica* é imaginária, pois esta segunda parte não foi escrita ou acabada (25). São também imaginárias, para Duarte Leite, as mutilações da *Crônica*. A primeira mutilação indicada por Jaime Cortesão, Duarte Leite considera-a não imputável à censura, mas à culpa do copista. A segunda mutilação considera-a Duarte Leite imaginária, assim como a terceira. A quarta e última mutilação explica-se para Duarte Leite sem ser preciso recorrer à ação de censor: trata-se da ausência de dados sobre a geografia comercial do noroeste africano.

Depois das justas críticas de Duarte Leite às teses de Jaime Cortesão, e dum estudo atento da literatura de viagens do século XV e primeiros anos do século XVI, somos levados a crer que as deficiências da *Crônica* de Zurara têm uma origem bastante diversa. Porque menos deficiências e mais exatidão nas *Navigazioni* de Ca da Mosto, ou no *De prima inventione Guinee* de Gomes-Behaim, do que na *Crônica dos feitos de Guiné* de Zurara? Porque nestes escritos, e noutros, como por exemplo nas descrições de Valentim Fernandes ou no *Esmeraldo de situ orbis*, não há os erros e as contradições que são frequentíssimas na *Crônica* de Zurara? E nenhum destes escritos nos dá sinais de alguma coisa se ter omitido por razões de apertada censura, provocada por uma apertada política de sigilo. Não, as deficiências da *Crônica* de Zurara têm uma origem bastante diversa. Uma *Crônica* é antes de tudo uma *reconstituição histórica*, refletindo uma mentalidade que é a do seu autor. Este tem uma cultura, uma visão do mundo, uma psicologia. E' um homem do seu tempo e do seu grupo social e profissional. Em vez de considerar as *crônicas* como documentos históricos de valor atual, o que é preciso é reintegrá-las no espírito do seu tempo (26).

Se deixarmos por um pouco a *Crônica dos feitos de Guiné* e passarmos à análise dos livros de viagens do século XV e primeiros anos do século XVI, seremos levados a considerar várias categorias de obras, de características bem diversas, e tendo por

(25). — *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*; Lisboa, 1941; Capítulo 1.º, ps. 19 e seguintes.

(26). — A este respeito ver: Veiga Simões; *O Infante D. Henrique. O seu tempo e a sua ação*, in *História da Expansão Portuguesa no Mundo*, 1937. E também: José de Bragança na *Introdução* à sua edição da *Crônica* de Zurara; Vitorino Magalhães Godinho, especialmente, in *Documentos sobre a Expansão Portuguesa* (1.º vol.), *A Expansão Quatrocentista Portuguesa*, e uma nota crítica ao livro atrás citado de Duarte Leite na "Revista da Faculdade de Letras de Lisboa", tomo VIII, 2.ª série, n.º 1, 1942.

autores, homens também bem diversos, pelas suas filiações sociais e profissionais. Parece-me esta a melhor base de compreensão para as imperfeições de alguns textos, e para o caso que agora nos interessa, no exemplo bem característico da *Crônica dos feitos de Guiné*. Nesta literatura de viagens, do século XV e primeiros anos do século XVI, distinguimos quatro gêneros bem definidos: *Crônicas*, *Descrições de viagens e de terras* (27), *Diários de bordo* (28), *Roteiros* (29). Se quisermos, a traços largos, dar algumas das características fundamentais destes quatro gêneros, diremos:

As *Crônicas* são fontes em que os dados numéricos contam pouco, sendo a sua percentagem mínima; em que os erros na indicação de distâncias são às vezes enormes, como é o caso daquela que agora mais nos interessa "... a dos feitos de Guiné" em que, como vimos atrás, de 62 distâncias indicadas, só 7 são calculáveis e mesmo estas 7 com erros que vão de mais de 22% a 55%. Os erros nas datas são frequentes. Como vimos já, Duarte Leite dá-nos uma larga relação das omissões, erros e contradições, na *Crônica dos feitos de Guiné*. Para recordar apenas uma das contradições mais flagrantes, a título de exemplo, poderemos dizer que esta *Crônica* indica-nos com quatro datas diferentes o começo das tentativas para passar o Cabo Bojador: 1419, no cap. 83; 1421 no 9.º; 1422 no 8.º; e 1424 no 13.º. O detalhe e o rigor nas descrições estão substituídos pelo "mais ou menos". Há omissões e contradições que fazem que o plano geral da obra pareça mais um "puzzle" do que um arranjo do assunto, com vistas a ser compreendido pelo leitor. Há nestas fontes predomínio absoluto dos algarismos peninsulares ou luso-romanos, não aparecendo ainda um único algarismo árabe. O argumento de autoridade tem força de prova. As citações eruditas abundam, mesmo que sejam de segun-

- (27). — Como fontes pertencentes a este tipo, e para o período que vai dos meados do século XV aos primeiros anos do século XVI, temos: as *Navigazioni* de Alvise de Ca da Mosto, datadas de entre 1456 e 1483, mas muito provavelmente escritas à volta de 1463, fonte que talvez não seja de considerar para um estudo da mentalidade portuguesa; o *De prima inventione Guinee* de Diogo Gomes e Martim Behaim, datada de entre 1485 e 1492, sabendo-se haver no seu texto passos posteriores a 1496; *A descripção de Ceuta por sua Costa de Mauritania e Ethiopia pellos nomes modernos prosseguindo as vezes algũas cousas do sartão da terra firme* de Valentim Fernandes, e de 1507; e finalmente do mesmo Valentim Fernandes *Das ylhas do mar oceano* muito provavelmente também de 1507.
- (28). — Chegaram até nós, para o mesmo período, três fontes deste tipo: *Diário da 1.ª viagem de Vasco da Gama* (1497-1499) por Álvaro Velho; *Carta de Pedro Vaz de Caminha* (1500); e o *Diário da viagem de D. Francisco D'Almeida à Índia* (1505-1506) por Hans Meyr.
- (29). — Chegaram até nós, deste mesmo período, os seguintes roteiros: de data talvez impossível de saber com precisão, mas ainda dentro do século XV e talvez bastante anterior a 1500, de autor desconhecido, o texto inserto no Manuscrito Valentim Fernandes. Este livro he de rotear....., e algumas páginas mais com os títulos, *Ho livro das rotas do Castello de Sam Jorge, Aqui fallã da rota do Cabo Formoso para a ylha de Samtamoneo, e Do ryo Grãde*; além destes, temos apenas, de 1505-1508, o *Esmeraldo de situ orbis* de Duarte Pacheco Pereira, que não é apenas um roteiro, mas que é ao mesmo tempo também um livro de *marinharia e cosmografia*, e onde vários aspectos não-lo fazem considerar como um livro que marca uma ruptura na evolução da mentalidade portuguesa do tempo.

da mão, como é o caso da *Crônica dos feitos de Guiné* em que a grande maioria delas provém de textos transcritos da *Virtuosa Benfeytura* do Infante D. Pedro e da *General Estoria* de Afonso-o-sábio. A palavra *experiência* aparece, mas com o sentido de observação de senso comum. Se bem que nem na *Crônica dos feitos de Guiné*, nem nos restantes livros de viagens do século XV e primeiros anos do século XVI, encontremos o mínimo traço dum *naturalismo animista* como o definiram Alexandre Koyré e Robert Lenoble, o que é certo é que nesta *Crônica* ainda aparece a astrologia judiciária com papel relevante (30): lembramos, entre mais dois ou três, o passo em que Zurara cita os cinco motivos que moveram o Infante e em que lhe acrescenta o sexto, para êle de todos o mais importante, e que diz respeito à conjunção dos astros; as noções de *possível* e *impossível* distinguem-se perfeitamente, aparecendo até freqüentes vêzes a palavra impossível com sentido que me parece não deixar lugar a dúvidas. Devemos dizer finalmente que as *Crônicas* são *reconstituições históricas* e não testemunhos diretos, as *Crônicas* pertencem à historiografia. São obras de homens ligados a compromissos políticos que êles pretendem servir. Por outro lado, um cronista palaciano não é um navegador, não vive os acontecimentos que descreve, pois o seu relato é feito sobre conversações tidas com navegadores ou sobre documentação por êle lida e interpretada.

As *descrições de viagens e de terras* revelam relativamente às *Crônicas* progressos evidentes da mentalidade quantitativa: a percentagem de indicações numéricas de tôda a ordem aumenta, assim como a sua exatidão. Há nestas *descrições* desprezo absoluto pelas autoridades, ausência total de citações eruditas e de tôda e qualquer alusão às ciências ocultas e à astrologia judiciária. Continua a não haver traços dum *naturalismo animista*. Distinguem-se com nitidez as noções de *possível* e *impossível*. Estas fontes são ainda em certa medida *reconstituições históricas*, porque — pelo menos em Portugal no século XV e comêço do século XVI — não são escritas pelos homens que viveram os acontecimentos: Diogo Gomes relata e Martim Behaim escreve, João Rodrigues relata e Valentim Fernandes escreve, servindo-se êles também doutras fontes escritas, como no exemplo de Valentim Fernandes, que nas suas *descrições* transcreve textos das *Navigazioni* de Ca da Mosto, do *De prima inventione Guineæ* de Diogo

---

(30). — A mentalidade do Renascimento, tal como a traçaram Alexandre Koyré (*L'apport scientifique de la Renaissance*, in "Revue de Synthèse" Janvier-Juin 1950), Robert Lenoble (*Mersenne ou la naissance du mécanisme*, Paris, 1943), e também Lucien Febvre (*Le problème de l'incroyance au XVI<sup>e</sup> siècle*, Paris, 1942), não é a mentalidade, pelo menos numa grande medida, que transparece dos textos portugueses por nós estudados do século XV e primeiros anos do século XVI. Com efeito, o papel das ciências ocultas surge-nos como insignificante, não há traços dum *naturalismo do Renascimento* tal como o definiram os autores atrás citados, as noções de *possível* e *impossível* distinguem-se uma da outra e é freqüente mesmo o emprêgo da palavra *impossível* em contextos que são de não deixar dúvidas.

Gomes e Martim Behaim, e ainda, da *Crônica da Guiné* (manuscrito de 1506). Não são, no entanto, os autores das descrições, cronistas palácianos. São homens que viajaram, que têm relações com a vida comercial do tempo, que têm, em suma, uma experiência de vida, uma situação profissional, uma origem social, totalmente diferentes das dos cronistas palácianos.

Os *Diários de bordo* são fontes em que os sinais de uma mentalidade quantitativa são ainda mais marcados; onde a precisão é notável; onde as descrições são sóbrias e precisas; onde o plano geral da obra é perfeito; onde a erudição não existe; onde os números relativos a tempo predominam, e onde vemos pela primeira vez de maneira sistemática a indicação de momentos do dia: à tarde, à noite, de manhã, ao meio-dia, etc. São estas fontes, como o seu próprio nome o indica, escritas dia a dia, e os seus autores são autênticos homens do mar que descrevem de maneira viva os acontecimentos que vivem diretamente.

Finalmente, os *Roteiros*, são livros técnicos, auxiliares indispensáveis da navegação, em que os dados numéricos de toda a espécie — distâncias, latitudes, profundidades — salvo os relativos a tempo, são numerosos. A precisão é neles condição imprescindível, pois os navegadores tinham dela absoluta necessidade. Os seus autores são marinheiros e técnicos de navegação.

\*

Deixando por agora todos os problemas que a comparação sistemática e pormenorizada desta dúzia de fontes ligadas às grandes descobertas do século XV nos podia resolver, queremos apenas nos limites deste pequeno trabalho, revelar um deles, que nos é dado pela comparação de dois textos, um de Zurara, a *Crônica dos feitos de Guiné* (manuscrito de Paris) e outro inserto n' *O Manuscrito de Valentim Fernandes*, e intitulado *Crônicas da Guiné*. Dissemos nas primeiras linhas deste trabalho que em 1847 J. A. Schmeller descobriu em Munique um *Codex* que veio a ser nos nossos dias publicado com o título de *O Manuscrito Valentim Fernandes*. Nele há, como já dissemos, vários escritos, uns de Valentim Fernandes, outros de autores diversos e por êle colecionados e inseridos no *Codex*. De Valentim Fernandes, há, de 1507, uma *Descrição de Cepta por sua costa de Mauritania e Ethiopia* . . . , e uma outra descrição, provavelmente da mesma data, intitulada *Das ylhas do mar oceano*; vemos ali também o texto que agora nos interessa e que é chamado de *Crônica de Guiné*, dizendo o próprio Valentim Fernandes que foi dêle autor Gomes Eanes de Zurara. Uma rápida comparação deste texto com o do Códice de Paris encontrado em 1837 por Ferdinand Denis, leva-nos imediatamente à hipótese de se tratar, ou dum resumo de texto idêntico ao do Códice de Paris e resumo feito por Valentim Fernan-

des, ou de cópia pelo mesmo Valentim Fernandes dum outro manuscrito, simplificado e abreviado, da mesma *Crônica* de Zurara. A que conclusões têm chegado os historiadores e eruditos que do assunto se ocuparam? E. A. de Bettencourt (31) admite que a *Crônica* do manuscrito de Valentim Fernandes “poderia ter sido tirada da crônica original...”. Jules Mees (32) também não dá solução ao problema, pelo menos explicitamente. José de Bragança (33) afirma ter Valentim Fernandes copiado uma versão algo diferente da do manuscrito de Paris, e admite como “provável que o texto de Munique não seja um apanhado rápido da *Crônica* de Zurara, mas sim uma redação da própria obra anterior à do Códice de Paris”. Costa Pimpão (34) chega a admitir que o manuscrito é um arranjo de Valentim Fernandes, mas de manuscrito diferente do de Paris, dizendo que Valentim Fernandes “é um copista interessado: não são as proezas nas areias de África, nem os assaltos às povoações pela calada da noite, nem as ciladas dos mouros, nem os discursos dos capitães, que o detêm, o que o detêm, o que o prende, é o conhecimento da terra descoberta”; noutros passos e nas linhas finais do capítulo onde trata êste assunto, acaba por nos dizer “. . . que o texto de que se serviu Valentim Fernandes, além de menos completo que o de Paris, oferece particularidades de redação que não podem deixar de ser tidas em conta”, o que mostra que Costa Pimpão não o aceita como um simples resumo do manuscrito de Paris. Para Fontoura da Costa (35) ou se trata dum cópia mutilada do texto de Zurara “ou Valentim Fernandes a mutilou propositadamente”. Duarte Leite (36) não vai além de Fontoura da Costa: não sai da dúvida entre tratar-se de resumo de Valentim Fernandes ou de aproveitamento de texto que “já encontrasse simplificado”. Só recentemente Dias Dinis (37) é de opinião tratar-se de resumo e mutilação feitos por Valentim Fernandes. E’ esta última também a nossa opinião, se bem que os argumentos que a favor dela temos não sejam de molde a dar uma demonstração irrefutável. No entanto, consideramos que as probabilidades para que se trate dum resumo do manuscrito de Paris, feito por Valentim Fernandes em 1506, são enormes. E por que?

(31). — E. A. de Bettencourt: *Descobrimientos, guerras e conquistas dos portugueses em terras do ultramar nos séculos XV e XVI*. Lisboa, 1881-1882; Prefácio, p. VII.

(32). — Jules Mees: *Les manuscrits de la Crônica do descobrimento e conquista de Guiné par Gomes Eanes de Azurara et les sources de João de Barros*, in “*Revista Portuguesa Colonial e Marítima* (N.º 49; 5.º ano; 20 de outubro de 1901; 9.º volume; Lisboa).

(33). — José de Bragança: *Introdução à sua edição da Crônica*; ps. XX, XXI; Nota da p. 171.

(34). — Alvaro Júlio da Costa Pimpão: *A Crônica dos feitos de Guiné de Gomes Eanes de Zurara e o manuscrito Cortez-d’Estrees*; Lisboa, 1939; ps. 29 e 37.

(35). — A. Fontoura da Costa: *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes (1506-1508)*; Lisboa, 1939; p. 40.

(36). — Duarte Leite: *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*; Lisboa, 1941; ps. 67-71.

(37). — António J. Dias Dinis, O.F.M.: *Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara* (Agência Geral das Colônias); Lisboa, 1949; ps. 367, 368.

1) Na sua coletânea, Valentim Fernandes inclui o *De prima inventione Guinee* de Diogo Gomes e Martim Behaim, e não aparece no final o seu nome: como sucede no texto intitulado *Crônica da Guiné* onde se lê: “Deus seja louvado ão de 1506 aos 14 dias de novẽbro acabay aqui de escrever e trelladar esta história de Guynee. Valentym Fernãdes alemã”. Ora se se tratasse apenas duma cópia feita por Valentim Fernandes de texto simplificado da *Crônica* de Zurara, era muito provável que êle procedesse como procedeu para o *De prima inventione Guinee*, fazendo a transcrição sem acrescentar no final o seu nome. Além de que Valentim Fernandes fala em “escrever e trelladar...”. (Sublinhados meus).

2) Comparando o texto da *Crônica da Guiné* da coletânea de Valentim Fernandes com o da mesma *Crônica* inserto no Códice de París, vê-se que há naquele texto capítulos inteiramente suprimidos, outros em parte, outros resumidos, etc. Tudo o que está na coletânea, com uma única exceção, está no manuscrito de París, e é essa exceção que nos interessa. Trata-se de três linhas que foram indubitavelmente tiradas das *Navigazioni* de Alvise de Ca da Mosto: “Anno de 1454 ho dito Jffãte mādou mostrar em Sagres aas galees açucar e sangue de dragã da ylha” (38). Esta data e êste acontecimento não aparecem no manuscrito de París da *Crônica*. Por outro lado, não nos espanta que Valentim Fernandes tivesse tirado estas três linhas de Ca da Mosto, pois nas suas *descrições* (*Descripçã de Ceuta... e Das ylhas do mar oceano*) êle transcreve muitos textos não só de Ca da Mosto, como da própria *Crônica da Guiné* e também do *De prima inventioẽ Guinee*. Mas o que consideramos significativo é que êle não faça o mesmo para textos de que êle não é o autor e por êle transcritos, como para o *Diário da viagem de D. Francisco D’Almeida, Este livro he de rotear...*, e sobretudo, tendo em conta a identidade de assuntos, para o *De prima inventioẽ Guinee*. Se êle o fêz para a *Crônica* como para os seus próprios escritos, é com tôda a probabilidade porque a *Crônica* foi por êle próprio remodelada.

3) A comparação do texto da coletânea de Valentim Fernandes com o do manuscrito de París, indica-nos que o resumo (admitámo-lo por um momento) não é feito ao acaso: supressão quase total de citações eruditas, supressão quase total ou mesmo total das falas ou discursos dos chefes das armadas, supressão quase total de textos de intenção moralizadora, etc. Vendo agora os textos da *Crônica da Guiné* transcritos nas *descrições* de Valentim Fernandes atrás mencionadas, verifica-se que o critério é o mes-

(38). — Página 6 do texto italiano e páginas 87, 88 do texto português na edição da Academia Portuguesa de História. Já Jules Mees (*Les manuscrits de la Crônica do descobrimento e conquista de Guiné par Gomes Eanes de Azurara et les sources de João de Barros*, in “Revista Portuguesa Colonial e Marítima” N.º 49, 5.º ano, 20 de outubro de 1901; 9.º vol.; Lisboa; p. 54) havia notado êste empréstimo de Ca da Mosto. José de Bragança também o notou na p. 194 do 2.º volume da sua edição da *Crônica*.

mo: ausência total de citações eruditas, ausência de falas ou discursos dos chefes das armadas, ausência de textos de intenção moralizadora, etc. O critério adotado para as *descrições* é o mesmo do que para o texto da *Crônica*, o que nos leva a pensar mais uma vez nas grandes probabilidades para que se trate dum resumo e mutilação de manuscrito igual ao de Paris e feita pelo próprio Valentim Fernandes.

4) No *incipit* do texto da coletânea de Valentim Fernandes aparece a palavra *descobrimento* (descubrimêto), palavra que nunca aparece no texto do manuscrito de Paris. E mais trata-se de palavra que segundo Jaime Cortesão (39) só surge em textos portugueses do último quartel do século XV. Pelo nosso lado, encontramos-la no *Diário da primeira viagem de Vasco da Gama* de Álvaro Velho, de 1497-1499 (40). E daqui poderemos talvez concluir que o texto da *Crônica* inserto na coletânea de Valentim Fernandes é texto com características do final do século XV, ou dos primeiros anos do século XVI. E daqui a admitir que seja texto bastante remodelado por Valentim Fernandes, não vai um grande passo.

5) No texto do manuscrito de Paris não há um único algarismo árabe (há 827 números dados por extenso e 281 dados com algarismos peninsulares ou luso-romanos), havendo em contrapartida no texto da coletânea de Valentim Fernandes 220 algarismos árabes, 335 por extenso, e somente 5 algarismos peninsulares ou luso-romanos. Sabemos por outro lado que nas suas *descrições*, Valentim Fernandes empregou em elevada percentagem os algarismos árabes: na *Descripçã de Ceuta*... emprega 187 algarismos árabes e somente 32 peninsulares ou luso-romanos (243 números dados por extenso), e na descrição *Das ylhas do mar oceano* há 108 números dados com algarismos árabes e somente 35 com peninsulares ou luso-romanos (196 dados por extenso). Sabemos também que a percentagem de algarismos árabes é muitíssimo menor nos escritos da coletânea que não são de sua autoria e que são de época anterior, como por exemplo em *Este livro he de rotear*... e as poucas páginas de roteiro que se seguem, onde há para 286 números dados com algarismos peninsulares ou luso-romanos, somente 12 números dados com árabes (163 por extenso). Que poderemos concluir? Que a *Crônica da Guiné* do texto de Valentim Fernandes apresenta quanto às percentagens de algarismos dos diversos tipos, as características dum texto dos começos do século XVI, a menos que supuzessemos que Valentim Fernandes ao transcrever texto já simplificado e truncado lhe modificasse os algarismos empregados. E por que não admitir que se trata de resumo e mutilação em que Valentim Fernandes imprimiu características da sua pessoa e do seu tempo?

(39). — Jaime Cortesão: "A Carta" de Pero Vaz de Caminha"; Nota 1, ps. 247 e 258-9.  
(40). — Aparece seis vêzes, nas seguintes formas: *descobrio, descuberto, descobrir, adescobrir, descuberto, a descobrir.*

6) Para terminar, e sabendo que nas suas descrições (*Descripção de Ceuta...*, *Das ylhas do mar oceano*), Valentim Fernandes além de fazer transcrições de textos das *Navigazioni* de Ca da Mosto, e do *De prima inventione Guineæ* de Gomes-Behaim, faz também e muito frequentemente transcrições da *Crônica da Guiné*, pensamos ver da correspondência destes últimos textos com os equivalentes no manuscrito de Paris. Se houvesse correspondência perfeita com este manuscrito, e não com o suposto resumo de 1506, isto levar-nos-ia a concluir com toda a probabilidade ter Valentim Fernandes conhecido um manuscrito igual ao de Paris, e portanto nada mais provável ser o texto da *Crônica* da sua coletânea um autêntico resumo por êle próprio realizado a partir de manuscrito idêntico ao de Paris. Mas esta hipótese não se verificou, e no entanto nada mais compreensível. Valentim Fernandes teria feito o resumo do manuscrito de Paris ou de manuscrito idêntico, em 1506, e deve ter-se servido dêle, e não do de Paris ou doutro a este idêntico, para a realização das suas descrições que são de data um pouco posterior: 1507 a *Descripção de Ceuta...*, e muito provavelmente da mesma data, a descrição intitulada *Das ylhas do mar oceano*.

Somos levados, pelas razões expostas nas seis alíneas anteriores, a ver com toda a probabilidade — no texto da *Crônica da Guiné* inserto na coletânea de Valentim Fernandes, um resumo e mutilação feitos pelo próprio Valentim Fernandes, em 1506, do manuscrito de Paris ou de manuscrito idêntico, da *Crônica dos feitos de Guiné*.

\*

Se compararmos os dois textos, o do manuscrito de Paris e o da coletânea de Valentim Fernandes (41), chegaremos às seguintes conclusões: Valentim Fernandes omite os capítulos 5,

(41). — E. A. de Bettencourt no seu livro "Descobrimientos, guerras e conquistas dos portugueses em terras do ultramar nos séculos XV e XVI" (Lisboa, 1881-1882), faz a correspondência dos capítulos nos dois manuscritos (o de Paris e o de Valentim Fernandes), mas de maneira muito geral, não entrando em precisões.

Jules Mees no seu artigo *Les manuscrits de la Crônica do descobrimento e conquista de Guiné par Gomes Eanes de Azurara et les sources de João de Barros* (in "Revista Portuguesa Colonial e Marítima"; N.º 49, 5.º ano, 20 de outubro de 1901; 9.º volume; Lisboa), dá também elementos para a correspondência dos dois manuscritos, embora caia em erro frequentemente. Diz na p. 53 terem sido omitidos os capítulos 5, 6, 7, 28, 49, 50, 66, e 97. O que na realidade é verdadeiro para os capítulos 5, 6, 7, 28, 49, 50 e 97, mas não é para o capítulo 66, pois este faz parte do 36. Além de que há um capítulo que foi omitido e que Jules Mees não dá como tal, e que é o 41. Na mesma página 53 diz-nos que os capítulos 37-48, 51-59, 68-69, e 72-74, são fundidos num só, o que não é absolutamente exato: é exato para os capítulos 51-59, 68-69, 72-74, não o é para os capítulos 37-48 pela razão de que o capítulo 41 é pura e simplesmente omitido, além de que Jules Mees não indica o *Incipit* e o capítulo I do manuscrito de Paris, os capítulos 2, 3-4, 64-65, 66-67, 89-90, que todos são condensados num só manuscrito de Valentim Fernandes.

José de Bragança nas notas da sua edição da *Crônica* (Manuscrito de Paris) faz também o paralelo entre os dois manuscritos, e com algumas incorrecções: diz que os capítulos 37 a 48 estão condensados no 29, esquecendo que o 41 foi omitido; diz estarem resumidos no cap. 30 do manuscrito de Valentim Fernandes os capítulos 49 a 54 do manuscrito de Paris, o que não é exato, pois os capítulos 49 e 50 são omitidos, sendo o capítulo 30 de Valentim Fernandes condensação dos 51 a 59 do manuscrito de Paris.

6, 7, 28, 41, 49, 50, e 97, do manuscrito de Paris; *omite* o capítulo 56 do seu próprio manuscrito; *condensa* (42) *num* só os seguintes capítulos do manuscrito de Paris:

Ms. Valentim Fernandes — e correspondência no — Ms. de Paris

Incipit .....	Incipit e Cap. 1.
Envocação do Autor.....	Caps. 2, 3, e 4.
Cap. 29 .....	" 37 a 48, à exceção do 41 que é omitido.
" 30 .....	" 51 a 59.
" 35 .....	" 64 e 65.
" 36 .....	" 66 e 67.
" 37 .....	" 68 e 69.
" 40 .....	" 72, 73, e 74.
" 55 .....	" 89 e 90.

Valentim Fernandes *condensa em capítulos mais reduzidos* os seguintes capítulos do manuscrito de Paris:

Ms. Valentim Fernandes — e correspondência no — Ms. de Paris

Cap. 5 .....	Cap. 12.
" 6 .....	" 13.
" 9 .....	" 16.
" 10 .....	" 17.
" 12 .....	" 19.
" 13 .....	" 20.
" 14 .....	" 21.
" 15 .....	" 22.
" 16 .....	" 23.
" 17 .....	" 24.
" 18 .....	" 25.

Costa Pimpão no seu livro *A Crônica dos feitos de Guinee de Gomes Eanes de Zurara e o manuscrito Cortez-d'Estrées* (Lisboa, 1939), fazendo a comparação dos manuscritos incorre nalgumas incorreções: diz corresponder o capítulo 55 do manuscrito de Valentim Fernandes ao 89 do de Paris, e no entanto o 55 corresponde ao 89 e 90; também não dá como omitido o capítulo 41 do manuscrito de Paris, quando êle foi de fato omitido; o mesmo acontece com os capítulos 49 e 50 que segundo Costa Pimpão são condensados no capítulo 30 do manuscrito de Valentim Fernandes, e na realidade são omitidos.

Duarte Leite, no seu livro *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné* (Lisboa, 1941), páginas 69 a 71, occupa-se do texto da *Crônica* inserto no manuscrito de Valentim Fernandes, dando-nos uma breve comparação com o texto do manuscrito de Paris. Dá-nos a correspondência dos capítulos num texto e noutro, sem no entanto deixar de merecer os seguintes reparos: diz que no texto de Valentim Fernandes se "juntou num prólogo trechos do 2.<sup>o</sup>, 3.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup>", quando o 2.<sup>o</sup> foi integralmente transcrito no início do *Prólogo*; diz que Valentim eliminou o 25.<sup>o</sup>, quando o capítulo 18 do texto de Valentim Fernandes é a condensação do 25.<sup>o</sup> do códice de Paris; diz ainda que no texto de Valentim Fernandes se eliminou o capítulo 66, quando os capítulos 66 e 67 são condensados no 36.<sup>o</sup> do texto de Valentim Fernandes; diz terem sido fundidos os capítulos 37 a 48, quando verificamos que o capítulo 41 é omitido.

Dias Dinis, de páginas 371 a 368 do seu livro *sobre A Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*, occupa-se também da correspondência do texto de Valentim Fernandes com o do códice de Paris. Apesar de o ter feito, segundo *Prólogo* e Cap. 7.<sup>o</sup> resumido no manuscrito de Valentim Fernandes, ora o capítulo 7.<sup>o</sup> é omitido; diz corresponder o capítulo 29.<sup>o</sup> do manuscrito de Valentim Fernandes aos 37 a 48 do códice de Paris, o que não é exato, pois o capítulo 41 do códice de Paris é omitido; diz corresponder o capítulo 30 do seu manuscrito, resultando daqui que o capítulo 31 do manuscrito de Valentim Fernandes aos 49 e 50 do códice de Paris, o que não é exato pois os capítulos 49 e 50 são omitidos no manuscrito de Valentim Fernandes, e verificamos ainda que o capítulo 59 do códice de Paris faz ainda parte do conjunto de capítulos que Valentim Fernandes condensa no capítulo Valentim Fernandes não é condensação dos capítulos 59 e 60 do códice de Paris, mas condensação apenas do capítulo 60. Em resumo: à lista dos capítulos omitidos por Valentim Fernandes dada por Dias Dinis, será necessário acrescentar, como se vê das nossas considerações anteriores, os capítulos 7, 41, 49, e 50.

" 19	" 26.
" 20	" 27.
" 22	" 30.
" 23	" 31.
" 24	" 32.
" 25	" 33.
" 26	" 34.
" 27	" 35.
" 28	" 36.
" 31	" 60.
" 33	" 62.
" 34	" 63.
" 38	" 70.
" 39	" 71.
" 41	" 75.
" 42	" 76.
" 44	" 78.
" 51	" 85.
" 52	" 86.
" 53	" 87.
" 54	" 88.
" 57	" 91.
" 58	" 92.
" 59	" 93.
" 61	" 95.

Valentim Fernandes *transcreve quase integralmente* (43) os seguintes capítulos do manuscrito de Paris:

Ms. Valentim Fernandes — e correspondência no — Ms. de Paris

Cap. 4	Cap. 11.
" 7	" 14.
" 8	" 15.
" 11	" 18.
" 21	" 29.
" 32	" 61.
" 43	" 77.
" 45	" 79.
" 48	" 82.
" 49	" 83.
" 50	" 84.
" 60	" 94.
" 62	" 96.

Valentim Fernandes *transcreve integralmente* (44) os seguintes capítulos do manuscrito de Paris:

Cap. 1	Cap. 8.
" 2	" 9.
" 3	" 10.
" 46	" 80.
" 47	" 81.

(42). — Quando falamos em *condensar* queremos dizer que Valentim Fernandes transcreve frases do códice de Paris saltadas e por êle ligadas, embora às vêzes, mas raras, também faça autênticos resumos.

(43). — Quando falamos em *transcrever quase integralmente* queremos dizer que Valentim Fernandes transcreve tudo menos alguns períodos.

(44). — Quando falamos em *transcrever integralmente*, queremos dizer que transcreve tudo, notando-se apenas diferenças na pontuação, na ortografia, e particularmente nos algarismos empregados, como veremos adiante.

Para terminar o paralelo entre os dois textos, diremos que apenas três linhas não têm correspondência no manuscrito de Paris, três linhas tiradas das *Navigazioni* de Alvise de Ca da Mosto: “Anno de 1454 ho dito Iffâte mādou mostrar em Sagres aas galcees açucar e sangue de dragã da ylha” (45).

\*

Depois de vermos a correspondência dos textos dos dois manuscritos, notamos as omissões feitas por Valentim Fernandes, e verificamos serem elas fortemente indicativas de duas mentalidades diversas. Vejamos pois os aspectos que nos pareceram mais significativos:

1. — Valentim Fernandes seguiu sempre, como já observou Dias Dinis (46), “texto e ordem dos capítulos dos códice de Paris, menos nos sete primeiros dêste, ou seja, nos que não encerram novidade ou, pròpriamente, notícias das terras ultramarinas, mas que, de uma maneira geral, são considerados pedaços da Crônica dos feitos do Infante D. Henrique e só a êle respeitam...”. Com efeito, fêz desaparecer completamente o 5.º, 6.º, e 7.º e reduziu muitissimo o 1.º, 3.º, e 4.º.

2. — No capítulo 7.º do manuscrito de Paris “No qual se mostram cinco razões porque o senhor iffante fce movido de mandar buscar as terras da Gynea”, Zurara, depois de expor estas cinco razões, diz: “Mas sobre estas cinco razões, tenho eu a vj. que parece que he raiz donde todallas outras procedem; e isto he inclinação das rodas cellestriaães, . . . etc., etc.”. A conjunção dos astros, a astrologia judiciária, é, para Zurara, não só a sexta das razões apresentadas, mas de tôdas, a mais importante. Ora Valentim Fernandes omite completamente o capítulo 7.º do manuscrito de Paris e portanto as seis razões que moveram o Infante, entre as quais a de Zurara.

Num outro passo, Zurara alude à astrologia judiciária, no capítulo 28 do manuscrito de Paris, onde se fala “Das razões que o autor poem por aviso acerca da morte de Gonçalo de Sintra”, e onde se diz: “. . . ca posto que santo Agostinho screva muytas e santas pallavras. reprovando a predesdinação das influencias cellestriaaes, em outras partes me parece que acho autoridades contrairas, assy como de Job, que disse . . .”. Ora êste passo não apparece no manuscrito de Valentim Fernandes.

Como conclusão poderemos dizer que não foi certamente por acaso que os dois passos em que o manuscrito de Paris alude à

(45). — Página 6 do texto italiano e páginas 87 e 88 do texto português, na edição da Academia Portuguesa de História (Lisboa, 1948).

(46). — *Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara* (Agência Geral das Colônias); Lisboa, 1949; p. 365.

astrologia judiciária e a põe em lugar de certo relêvo, foram totalmente omitidos no manuscrito fabricado por Valentim Fernandes.

3. — E' sabido, depois dos estudos de Esteves Pereira (47), José de Bragança (48), Duarte Leite (49), e últimamente depois de estudo exaustivo de Joaquim de Carvalho (50), que as *Crônicas* de Zurara e sobretudo a da *Guiné*, muito devem à *Virtuosa Benfeytura* do Infante D. Pedro e à *General Estoria* de Afonso-o-sábio. Zurara não cita qualquer destas fontes, embora não deixe de fazer delas longas transcrições, transcrições donde brota a quase totalidade da pretensa erudição do cronista. De acôrdo com os dois últimos autores citados poderemos indicar do seguinte modo, os empréstimos destas duas obras à *Crônica dos feitos de Guiné*:

- (47). — *Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara* - Francisco Maria Esteves Pereira: em, *Introdução* à edição da *Crônica da tomada de Ceuta por elrei D. João I de Gomes Eanes de Zurara*; Coimbra, 1915; ps. XVI-XVIII. Foi Esteves Pereira o primeiro a descobrir a identidade entre certos passos desta *Crônica* com a *Virtuosa Benfeytura* do Infante D. Pedro.
- (48). — Ver as notas, especialmente as das páginas 77, 79, 83, 85, 91-92, 147, 175 e 269, da sua edição da *Crônica*. Foi José de Bragança o primeiro, em trabalho publicado, a chamar a atenção para a *General Estoria*.
- (49). — *A sabedoria do Infante D. Henrique*, no *Diário Liberal*. Das dos números do jornal em que foram publicados os artigos: 7, 9, 13, 15, 19, 22, 25, 28, 30 de agosto de 1933; e 3, 8, 11, 13 de setembro de 1933. O artigo mais importante a este respeito é o de 15 de agosto de 1933, onde Duarte Leite diz: "A *Crônica* (a de *Guiné*) não é original em grande parte. O autor consultou escritos que não cita, mas por três vezes declara seguir um de Afonso Cerveira..." (Sublinhados meus). Do livro inédito: *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*, no jornal "O Diabo", Lisboa, Ano III, N.º 142, de 14 de março de 1937. Trata-se da "Nota Preambular" do livro atrás citado e que havia de sair a público em 1941. Já em 1937 nessa *Nota Preambular*, Duarte Leite escrevia: "Efetivamente a sua sabedoria livresca, muitas vezes de segunda mão, é de tomo limitado, e nula a geográfica, que o Visconde de Santarém proclamou vasta" (Sublinhados meus). *Acêrca da Crônica dos feitos de Guiné*, Lisboa, 1941. Livro em que o problema da erudição de Zurara é magistralmente posto nas suas relações com as transcrições feitas da *Virtuosa Benfeytura* e da *General Estoria*. Joaquim de Carvalho, no trabalho que adiante referiremos, afirma ser Duarte Leite o autor da descoberta das transcrições da *General Estoria* feitas por Zurara. Cita sobre o assunto o trabalho atrás citado de Duarte Leite publicado em 1941. Dias Dinis faz autor desta descoberta José de Bragança nas notas à sua edição da *Crônica* em 1937. Podemos talvez acrescentar que Duarte Leite, nos artigos do *Diário Liberal* de 1933 atrás citados, e sobretudo na *Nota Preambular* publicada n'O *Diabo* em 1937, e que é a nota preambular do seu trabalho de 1941, já devia estar conhecedor de tão importante pormenor.
- (50). — Joaquim de Carvalho, há anos havia começado a publicação de um trabalho intitulado: *A erudição de Gomes Eanes de Zurara (Notas em torno de alguns plágios deste Cronista)*, no "Boletim da Biblioteca da Universidade de Coimbra", vol. VI, Coimbra 1921, ps. 190-201, e vol. VII, Coimbra 1925, ps. 114-140. Neste trabalho que acabou por deixar então interrompido, Joaquim de Carvalho estende a influência da *Virtuosa Benfeytura* à *Crônica dos feitos de Guiné*, não se limitando à da "...tomada de Ceuta..." como o fizera Esteves Pereira. Neste trabalho ainda Joaquim de Carvalho desconhecia a importância da *General Estoria*, que lhe havia de vir a ser revelada em 1941 por Duarte Leite. Finalmente em 1949, in *Estudos sobre a Cultura Portuguesa do Século XV* (1.º vol.), Joaquim de Carvalho completa e corrige o trabalho anterior dando-nos 241 páginas que são, apesar de incorreções de pormenor, a última palavra sobre o assunto: *Sobre a erudição de Gomes Eanes de Zurara* (Notas em torno de alguns plágios deste cronista).

Crônica da Guiné  
Ms. de Paris - correspondência na - Virtuosa Benfeyturia

1. - Carta de Zurara a D.  
Afonso V, p. XII, de  
"Ca antre muytos"  
até "como de voontades" (2 linhas) .....Oferecimento da obra a  
D. Duarte.
2. - Carta de Zurara a D.  
Afonso V, ps. XII e  
XIII, de "Se aquelles  
que mtu" até "porem  
condampnada" (4 linhas).....Oferecimento da obra a  
D. Duarte.
3. - Carta de Zurara a D.  
Afonso V, p. XIII, de  
"Ca, pero veiam" até  
"e bõo dacabar" (4  
linhas) .....Oferecimento da obra a  
D. Duarte.
4. - Carta de Zurara a D.  
Afonso V, p. XIII, de  
"Empero, muyto alto"  
até "Saude, riqueza e  
prazer" (8 linhas) .....Oferecimento da obra a  
D. Duarte.
5. - Cap. I, ps. 1 e 2, de  
"Geeralmente somos  
ensynados da esperi:n-  
cia" até "o agradeci-  
mento seer feito no  
mundo" (9 linhas) .....L. V, Cap. 2.º
6. - Cap. I, p. 2, de "E po-  
rem sam Thomas" a'é  
"a aquelle que o deu"  
(27 linhas) .....L. V, Cap. 1.º
7. - Cap. I, ps. 5 e 6, de  
"aquelle sancto prcfe-  
ta Mouses" até "sem  
grande doesto" (46 li-  
nhas) .....L. V, Cap. 4.º
8. - Cap. LXXIII, p. 327, de  
"cujo centro" até  
"nom he em alguã"  
(dito de Hermes), (3  
linhas) .....L. VI, Cap. 11.º
9. - Cap. LRVII, ps. 428 a  
432, de "toda obra que  
ha de ser perfeita"  
até "do que cu ante  
cuidava", (132 linhas).....L. VI, Cap. 11.º

Em resumo:

1. — Na “Carta de Zurara a D. Afonso V”, Zurara transcreve 18 linhas, entre 75, que são tôdas as que compõem a Carta, podendo nós dizer que uma quarta parte da Carta é transcrita integralmente.

2. — No Cap. 1.º que tem 154 linhas, 82 são tiradas da *Virtuosa Benfeytura*, podendo nós dizer que mais de metade do capítulo é transcrito integralmente.

3. — No Cap. 74, com 32 linhas, apenas 3 são transcritas.

4. — Finalmente, o Cap. 97 é integralmente transcrito, pois apenas restam 13 linhas que são o fecho da obra: “E acabouse esta obra na livraria que este Rey Dom Affonso fez em Lixboa, dezoito dyas de fevereiro...”.

Passando agora à *General Estoria*, temos:

Crônica da Guiné

- | Ms. de Paris   | - correspondência na | General Estoria                               |
|--|----------------------|---|
| 1. — Cap. IV, ps. 19 e 20, desde “assy como os puetas” até “corpos celsestriaaes” (5 linhas) inspirado no .....            |                      | L. X, Cap. 21.                                |
| 2. — Cap. XVI, ps. 88 e 89, desde “depois do delu- vyo” até “saimento da arca” (8 linhas), mate- riais dispersos nos ..... |                      | Livros II e III.                              |
| 3. — Cap. LXI, totalmente traduzido, com varian- te, dos .....   |                      | L. V (Caps. 7 e 8) e XI (Caps. 36, 38, e 39). |
| 4. — Cap. LXII é uma cerzi- dura de transcrições ti- radas do .....  |                      | L. V (Caps. 13, 15, e 16).                    |

Em resumo: 5 linhas do Cap. IV, 8 linhas no Cap. XVI, todo o capítulo LXI, e todo o Cap. LXII (51).

Comparando agora com o manuscrito de Valentim Fernan- des, chegamos às seguintes conclusões:

1. — No que diz respeito à *Virtuosa Benfeytura*,

- a). — Dezoito linhas da “Carta de Zurara a D. Afonso V” são tiradas do “Oferecimento da obra a D. Duarte” da *Virtuosa Benfeytura*. No manuscrito de Valen- tim Fernandes falta totalmente a “Carta de Zurara a D. Afonso V”.

(51). — A indicação do número de linhas transcritas, tanto para a *Virtuosa Benfey- turia*, como para a *General Estoria*, é feita segundo a edição da *Crônica* fei- ta em 1949 pela “Agência Geral das Colônias”.

- b). — Mais de metade do Cap. I do manuscrito de Paris é tirado do L. V, Caps. 2.º, 1.º, e 4.º da *Virtuosa Benfeytura*. No manuscrito de Valentim Fernandes faltam totalmente os passos tirados da *Virtuosa Benfeytura*.
- c). — Três linhas (o dito de Hermes) do Cap. LXXIII do manuscrito de Paris, são tiradas do L. VI, Cap. 11, da *Virtuosa Benfeytura*. O Cap. LXXIII do manuscrito de Paris é resumido no manuscrito de Valentim Fernandes conjuntamente com o 72 e o 73, e falta neste resumo o dito de Hermes.
- d). — O Cap. LRVII do manuscrito de Paris é todo tirado do L. VI, Cap. 11, da *Virtuosa Benfeytura*. No manuscrito de Valentim Fernandes falta totalmente o Cap. LRVII do manuscrito de Paris.

2. — No que diz respeito à *General Estoria*,

- a). — O Cap. IV do manuscrito de Paris é no manuscrito de Valentim Fernandes condensado na “Envocação do Autor” (“Louvores do Iffante”), mas nesta condensação faltam as 5 linhas, de “assy como os puetas” até “corpos celsestriaaes”, inspiradas no L. X, Cap. 21, da *General Estoria*.
- b). — O Cap. XVI do manuscrito de Paris é no manuscrito de Valentim Fernandes condensado no Cap. 9 e nele faltam as 8 linhas que no manuscrito de Paris eram traduzidas dos Livros II e III da *General Estoria* (de “depois do deluvyo” até “saimento da arca”).
- c). — O Cap. LXI do manuscrito de Paris que é totalmente traduzido do L. V (Caps. 7 e 8) e XI (Caps. 36, 38, e 39) da *General Estoria*, é condensado mas transcrito quase integralmente no Cap. 32 do manuscrito de Valentim Fernandes.
- d). — O Cap. LXII do manuscrito de Paris que é uma certidura de transcrições do L. V (Caps. 13, 15, e 16) da *General Estoria*, é condensado no Cap. 33 do manuscrito de Valentim Fernandes.

Conclusão: nenhum dos textos transcritos por Zurara da *Virtuosa Benfeytura* aparece no manuscrito de Valentim Fernandes; apenas dois dos textos traduzidos e transcritos da *General Estoria*

aparecem no manuscrito de Valentim Fernandes, sendo no entanto êstes dois textos os mais extensos e onde mais autoridades são citadas.

3. — Zurara na *Crônica dos feitos de Guiné*, manuscrito de Paris, cita escritores gregos, romanos, padres da Igreja, teólogos e filósofos escolásticos, escritores israelitas e árabes, historiadores medievais escrevendo em latim, escritores italianos, escritores e livros espanhóis, escritores e livros portugueses, perfazendo um total de 34 nomes de autores, alguns várias vêzes citados, o que dá para citações eruditas o número de 67. Dêsses 4 autores que cita, conheceu diretamente apenas um máximo de 13, pois os restantes conheceu-os de segunda mão, e sobretudo através da *Virtuosa Benefeytura* e da *General Estoria*.

Se compararmos o manuscrito de Paris com o de Valentim Fernandes, verificamos que dos 34 autores citados por Zurara, Valentim Fernandes cita apenas 15, e das 67 citações eruditas de Zurara há no texto de Valentim Fernandes apenas 19.

4. — Quanto às indicações numéricas, dissemos já que Zurara no manuscrito de Paris, dá distâncias, profundidades, números relativos a tempo, etc. Se compararmos a êste respeito o manuscrito de Paris com o de Valentim Fernandes, verificamos:

a). — Tal como no manuscrito de Paris, não há no de Valentim Fernandes nenhuma indicação de latitudes.

b). — Tal como no manuscrito de Paris, são indicadas no manuscrito de Valentim Fernandes as mesmas duas profundidades, ambas dadas por extenso e em braças.

c). — Há 62 distâncias indicadas no manuscrito de Paris e apenas 43 no de Valentim Fernandes. Estas 43 correspondem exatamente às do manuscrito de Paris, havendo apenas uma divergência no cêrco da Madeira em que o manuscrito de Paris dá "quarenta legoas" o de Valentim Fernandes "404", o que certamente não representa mais do que um êrro de leitura na edição d'*O Manuscrito Valentim Fernandes* editado pela Academia Portuguesa de História. Mesmo as 7 distâncias indicadas no manuscrito de Paris por Duarte Leite como calculáveis, estão no manuscrito de Valentim Fernandes, e com os mesmos erros.

d). — Há 151 indicações numéricas relativas a tempo indicadas no manuscrito de Paris e apenas 92 no manuscrito de Valentim Fernandes, se bem que estas 92 tenham quase tôdas correspondência exata no manuscrito de Paris, com raras exceções e estas perfeitamente compreensíveis. A data de 21 de agosto (5.<sup>a</sup>-feira)

de 1415 correspondente à conquista de Ceuta não aparece no manuscrito de Valentim Fernandes porque faz parte do Cap. V do manuscrito de Paris, capítulo que foi omitido por Valentim Fernandes. A de 18 de fevereiro de 1453, data de acabamento, inserta no final do manuscrito de Paris, é substituída no manuscrito de Valentim Fernandes pela de 14 de novembro de 1506, data em que Valentim acabou de escrever e *trelladar* esta história de Guiné. E finalmente, como data da inteira responsabilidade de Valentim Fernandes há apenas a do final do Cap. 49 (Ms. de Valentim Fernandes) que pertence ao texto aproveitado das *Navigazioni* de Ca da Mosto: “Anno de 1454 ho dito Iffâte mādou mostrar em Sagres aas galees açucar e sangue de dragã da ylha”.

- e). — Se tomarmos agora em conta as indicações numéricas que não pertencem a nenhuma das categorias anteriores e que designaremos por “indicações numéricas de ordem vária” ou “números vários”, verificamos que há dêste tipo de indicações 893 no manuscrito de Paris, para 423 no manuscrito de Valentim Fernandes.
- f). — Se considerarmos em bloco as indicações numéricas das várias espécies num e noutro manuscrito, veremos que para 62 indicações de distâncias no manuscrito de Paris, há 43 no manuscrito de Valentim Fernandes; para 151 indicações numéricas relativas a tempo no de Paris, há 92 no de Valentim Fernandes; para 2 profundidades no de Paris, há as mesmas duas no de Valentim Fernandes; finalmente, para 893 números vários no manuscrito de Paris, há 423 no manuscrito de Valentim Fernandes.
- g). — Quanto ao total de indicações numéricas, temos: 1.108 indicações numéricas no manuscrito de Paris, para 560 no manuscrito de Valentim Fernandes.
- h). — Como síntese das alíneas vejamos o seguinte quadro:

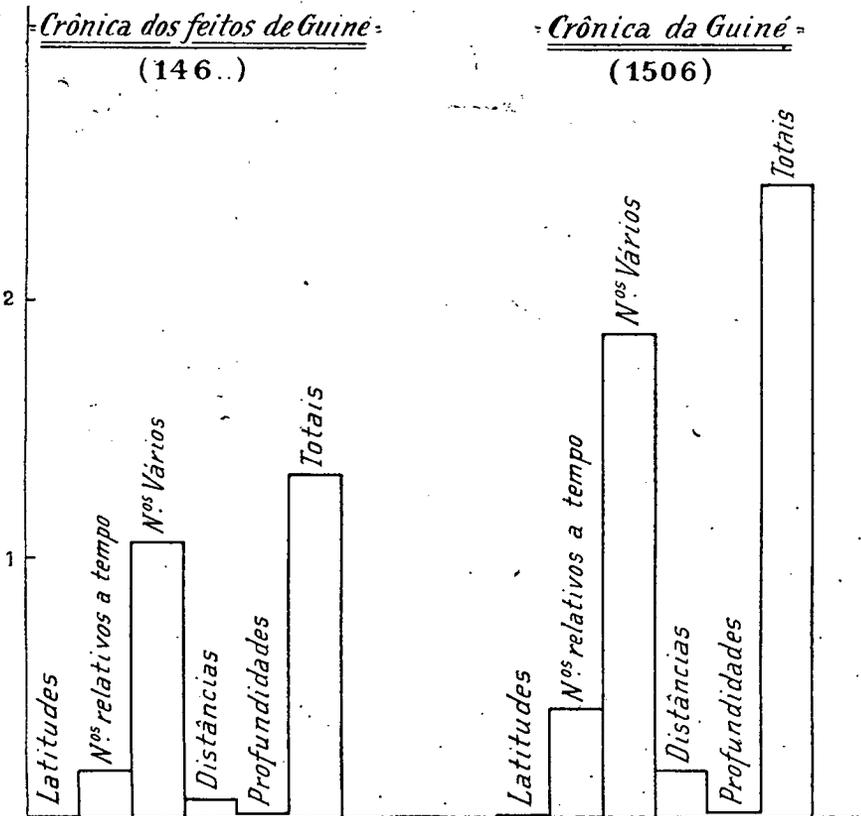
	Ms. de Paris	Ms. de Valentim Fernandes
Números Vários	— 893.....	423
Distâncias	— 62.....	43
Indicações numéricas de tempo	— 151.....	92
Profundidades	— 2.....	2
Totais	— 1.108	560

- i). — Se quisermos dar a esta comparação uma representação gráfica, fazemos as percentagens num e noutro

manuscrito relativamente ao número total de palavras em cada um dêles. Sabendo que o manuscrito de Paris tem aproximadamente 84.486 palavras, e o manuscrito de Valentim Fernandes 22.675 palavras, achamos as seguintes percentagens para cada 100 palavras:

	Ms. de Paris	Ms. de Valentim Fernandes
Números Vários	— 1,06% .....	1,87%
Distâncias	— 0,07% .....	0,18%
Indicações numéricas de tempo	— 0,18% .....	0,41%
Profundidades	— 0,002% .....	0,009%
	1,312%	2,469%

Se com êstes elementos elaborarmos uma representação gráfica, temos:



5. — Quanto ao tipo de empregados num e noutro manuscrito temos:

	Ms. de París		Ms. de Valentim Fernandes
a) - Números dados por extenso	827 (74,6%)	.....	335 (59,8%)
b) - Algarismos peninsulares ou luso-romanos	281 (25,4%)	.....	5 (0,9%)
c) - Algarismos árabes	0 (0%)	.....	220 (39,3%)

Em conclusão: enquanto no manuscrito de París, Zurara empregou 74,6% de números dados por extenso, Valentim Fernandes no seu manuscrito empregou apenas 59,8%; enquanto Zurara empregou 25,4% de algarismos peninsulares ou luso-romanos, Valentim Fernandes emprega apenas 0,9% destes algarismos; enquanto que em Zurara não há ainda um único algarismo árabe, em Valentim Fernandes há 39,3%.

\*

\*                      \*

O resumo e arranjo da *Crônica* feito por Valentim Fernandes parece-nos ter um profundo significado. A mentalidade depende dos grupos sociais e depende do tempo. Valentim Fernandes arranja a seu modo um texto de Zurara, homem que viveu noutra ambiente social e com outra experiência profissional. Valentim Fernandes arranja a seu modo um texto de Zurara, homem próximo no tempo a Valentim Fernandes, mas assim mesmo doutra geração. Será que Valentim Fernandes em vez duma mentalidade, duma psicologia, qualitativamente diferentes, teria apenas, ao remodelar o texto de Zurara, intenções diferentes? Não sabemos que concluir. Sabemos apenas que Valentim Fernandes faz ressaltar, releva, no arranjo do texto de Zurara, ou minimiza no mesmo texto, aspectos que definem duas intenções, duas valorizações das coisas e dos acontecimentos, dois graus de refinamento na utensilhagem mental, talvez mesmo duas utensilhagens mentais, talvez mesmo duas mentalidades, talvez mesmo duas psicologias.

Quem foi Zurara? Quem foi Valentim Fernandes?

Zurara foi um cronista palaciano em tôda a acepção da palavra, foi o cronista oficial e guarda-mór da Torre do Tombo que sucedeu a Fernão Lopes em momento delicado da vida política e social do País; foi o cronista da nobreza, como Fernão Lopes fôra o cronista do povo; foi o homem chamado — porventura intencionalmente, como admite José de Bragança — a continuar a *Crônica de D. João I*; teve uma vida cheia de sucessos felizes, de bens e honrarias: foi talvez criado e educado por D. Afonso V, foi cavaleiro e comendador da Ordem de Cristo, foi cavaleiro da casa d'el-rei, foi Comendador de Alcaina, Comendador da Granja do Ulmeiro, Comendador do Pinheiro Grande, foi Procurador do mosteiro e convento de Almoester, foi bibliotecário da Livraria de D. Afonso V, e a sua nomeação como cronista oficial parece datar

de 1448 — data significativa se nos lembrarmos que Alfarrobeira se deu em 1449 (52).

Valentim Fernandes sabe-se ser oriundo da Morávia, tendo-se fixado em Lisboa entre 1493 e 1495. Sabe-se ter sido nomeado em 1503 *notairo* dos comerciantes alemães de Lisboa, e também um dos agentes comerciais da praça (*coretores*) nomeados por D. Manuel. Sabe-se ter sido editor, tradutor (53), autor (54), e um dos mais importantes se não mesmo o mais importante dos impres-

(52). — Podem ver-se as seguintes biografias de Zurara (sabendo-se que a mais completa é a de Esteves Pereira e a mais atualizada a de Dias Dinis):

- a) — Abade José Correia da Serra, na sua *Introdução às Crônicas de Gomes Eanes de Zurara*, in *Coleção de livros inéditos de história portuguesa*, II, 1792, ps. 207-212.
- b) — João Pedro Ribeiro: *Dissertações Cronológicas e Críticas...*; Tomos I e IV.
- c) — Edgar Prestage: *The life and writings of Azurara*, in "The Chronicle of the Discovery and Conquest of Guinea", vol. I, ps. I-LXVII.
- d) — Francisco Maria Esteves Pereira: *Introdução à sua edição da "Crônica da Tomada de Ceuta..."*; (1915); ps. VII-LXXIV.
- e) — Antônio J. Dias Dinis: *Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara* (Agência Geral das Colônias), 1949; ps. 3-36 e 61-106.

(53). — Sabe-se de Valentim Fernandes ter traduzido para português as seguintes obras:

- a) — "Certos capítulos do título real" de D. Manuel: Etiópia, Arábia, Pérsia e Índia, que fazem parte do *Marco Paulo*.
- b) — "Livro de Nicolao Veneto", que também faz parte do *Marco Paulo*.
- c) — A "Carta de Jerônimo de Santo Estevam", incluída no *Marco Paulo*.
- d) — O "Reportório dos Tempos".

(54). — São conhecidas as seguintes obras de que Valentim Fernandes foi autor:

1. — Obras impressas:

- a) — "Prohemio" da Vita Christi. (1495).
- b) — "Introdução" ao Livro de Nicolao Veneto (publicado com o *Marco Paulo* em 1502).
- c) — "Prchemio" do livro de Nicolao Veneto (publicado com o *Marco Paulo* em 1502).
- d) — "Alguns Capítulos" do *Reportório dos Tempos* (1518).

2. — Obras manuscritas:

- a) — As "descrições" inseridas no codex encontrado em Munique, atrás citado, e intituladas *Descripçam de Cepta...* (1507), e *Das ylhas do mar oceano* (provavelmente também de 1507), e o arranjo denominado *Crônica da Guiné*.

3. — Como epistolário, conhecem-se as seguintes cartas de Valentim Fernandes:

- a) — Impressas:  
"Epistola" a D. Manuel, em português, sobre a trasladação do *Livro de Marco Paulo* (1502).
- b) — Manuscritas:  
"Carta" a Conrado Peutingen (1505).  
"Carta" a um mercador em Nuremberg (1515).  
"Carta" a Antônio Fernandes, escrivão do Senhor Secretário em Almeirim (1516).

O único "acto notarial" que dele se conhece é de 20 de maio de 1503, em latim.

sores (55) portugueses da sua época, conhecendo-se 24 obras que por êle foram impressas. Para que se aválie bem da importância de Valentim Fernandes como impressor, poderemos dizer que imprimiu 8 dos 28 livros impressos em Portugal até 1500, sabendo-se que 14 dêstes 28 livros foram impressos em hebraico; de 1501 a 1510 imprimiram-se em Portugal 17 livros, 9 dêstes obra de Valentim Fernandes. Sabe-se finalmente que morreu em Portugal antes de 4 de maio de 1519 (56).

São homens de épocas diferentes: Zurara nasce nos primeiros anos do século XV e morre por 1473 ou 1474, ao passo que Valentim Fernandes não tinha ainda chegado a Portugal a quando da morte de Zurara. São por outro lado, e êste aspecto parece-nos ainda mais importante, homens com experiências de vida, situações sociais e profissionais diversas. E daqui talvez a razão porque êles valcrizavam diferentemente as coisas e os acontecimentos. Daqui talvez a razão porque Valentim Fernandes nos dá um arranjo e resumo da *Crônica* de Zurara, em que os seguintes pontos — apon-têmo-los esquemáticamente — muito querem dizer:

(55). — Sabe-se de Valentim Fernandes ter imprimido as seguintes obras:

- Em 1495: "De Vita Christi" (em português).  
 " 1496: "Regimento provcytoso contra ha pestenenga" (em português).  
 " " : "História do mui nobre Vespasiano, Imperador de Roma" (em português).  
 " " : "Votivale missarum secundum ritum romanum" (em latim).  
 " 1500: "Epistolae et Orationes" (em latim).  
 " " : "Poemata" (em latim).  
 " " : "Visiones" (em latim).  
 " " : imprime 42 "Cartas de D. João II", escritas entre 1481 e 1495.  
 " " : imprime 7 "Cartas de D. Manuel I", escritas entre 1495 e 1521.  
 " " : "Opera" (atribuida a impressão a Valentim Fernandes).  
 " 1501: "Proverbios de D. Iñigo Lopes de Mendoza" (em castelhano).  
 " " : "Glosa famosissima sobre las coplas de dô Jorge manriq̄ (em castelhano).  
 " 1502: "Marco Polo: Ho livro de Nycolao Veneto" (em português).  
 " 1504: "Cathecismo" (em português).  
 " " : "Regimento dos ofiçaaes das çidades villas e lugares destes Regnos" (em português).  
 " "(?): "A regra e diffinções da ordem do mestrado de nosso senhor Iesu Christo".  
 " "(?): Nova edição do trabalho anterior.  
 " 1505: "Epistola serenissimi principis Hemanuelis primi dei gratia Portugalie Regis excellentissimi" (em latim).  
 " " : "Os autos dos apl'os" (em português).  
 " 1512: "O primeiro livro das ordenaçõs".  
 " 1513: "O segundo livro das ordenaçõs".  
 " 1516: "Ars Virginis Mariae in quinque libros distributa".  
 " 1518: "O compromisso de confraria da misericordia".  
 " " : "Reportório dos tepos e portugues ... e a declinaçã do sol. cõ seu regimeto com outras muitas adyçõs".

(56). — Mais de 50 trabalhos se publicaram até hoje com referências de certo desenvolvimento a Valentim Fernandes como motivo central. Indicamos alguns dos mais importantes:

- a) — *Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal, par Valentim Fernandes (1505-1507), Introduction, par P. de Cenival et Th. Monod.* Paris, 1938.
- b) — *Cartas das Ilhas de Cabo Verde de Valentim Fernandes, (1506-1508),* por A. Fontoura da Costa; Lisboa, 1939.
- c) — *D. Manuel II: Livros antigos portugueses (1489-1600).* Edição portuguesa e inglesa. Vol. I, Londres, 1929.
- d) — *Bibliografia Geral Portuguesa,* pela Academia das Ciências de Lisboa, Século XV, 2 vols.
- e) — António Joaquim Anselmo: *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI.* Lisboa, 1926.

1. — Sabido que o manuscrito de Paris da *Crônica dos feitos de Guiné* é um enxerto de um manuscrito de Afonso Cerveira com outro manuscrito de que foi autor Zurara, e que teria sido uma *Crônica dos feitos do Infante D. Henrique* (na linguagem de Costa Pimpão), ou *Panegírico do Infante D. Henrique* (na linguagem de Duarte Leite), podemos verificar que Valentim Fernandes omitiu, ou reduziu muitíssimo, os capítulos considerados como tendo pertencido a esta segunda Crônica, e certamente pela simples razão de que êles nada adiantavam àquilo que parece ter sido o seu objetivo: a descrição de terras e a descrição das viagens e da ação de descobrir.

2. — Valentim Fernandes omitiu todos os textos referentes à astrologia judiciária e ao seu papel, que, para Zurara, era relevante.

3. — Sabido que a quase totalidade da erudição e das citações eruditas do manuscrito de Paris eram provenientes de textos transcritos ou traduzidos da *Virtuosa Benfeytura* e da *General Estoria*, textos que nada adiantavam ao desenrolar da ação e à descrição de terras, podemos verificar que Valentim Fernandes omitiu todos os textos transcritos da *Virtuosa Benfeytura* e dois dos quatro textos traduzidos da *General Estoria*, sendo no entanto os dois por êle conservados, aquêles onde as citações eruditas mais abundam. Mas devemos acrescentar que esta nota discordante é perfeitamente explicável, pelo fato de Valentim Fernandes se ter convencido, muito provavelmente, serem êstes dois textos importantes em dados de ordem geográfica.

4. — Valentim Fernandes fêz desaparecer do seu texto mais de metade dos autores citados por Zurara, e reduziu a quase um quarto as citações eruditas dêste. Estamos certos de que êle faria desaparecer por completo as citações eruditas, se, dentro do seu critério, não tem deixado ficar dois textos da *General Estoria* por razões certamente bem diferentes ao fato de patentear erudição e cultura livresca. A melhor prova da verossimilhança desta minha conjectura está nos textos por êle utilizados nas suas descrições (*Descrição de Cepta...*, e, *Das ylhas do mar oceano*) onde há ausência total de citações eruditas, mesmo nos textos que ali são transcritos da *Crônica da Guiné*.

5. — Valentim Fernandes revela uma mentalidade mais fortemente quantitativa do que Zurara, pois reduziu muito o texto da *Crônica* do manuscrito de Paris, deixando em percentagem muito mais elevada indicações numéricas do que qualquer outra ordem de indicações, como é saliente na representação gráfica que atrás elaboramos.

6. — Valentim Fernandes substitui a quase totalidade dos algarismos peninsulares ou luso-romanos, por algarismos árabes, dos quais nem um só existia no manuscrito de Paris.

O critério seguido por Valentim Fernandes neste resumo e arranjo da *Crônica dos feitos de Guiné*, é perfeitamente concordante com o critério que presidiu à elaboração das suas *descrições* — ausência de todo e qualquer elemento dispensável para a descrição de terras, isto é, ausência de textos de intenção moralizadora, ausência de discursos dos chefes das armadas, ausência de citações eruditas, etc., donde resulta uma maior percentagem de indicações numéricas de tôda a ordem, e finalmente, aspecto importante e com êste relacionado, a substituição quase integral dos algarismos peninsulares ou luso-romanos pelos algarismos árabes.

Zurara e Valentim Fernandes não são apenas de épocas diferentes, mas também viveram experiências diferentes, porque diferentes eram as suas filiações sociais e profissionais. Zurara, um cronista palaciano de mentalidade livresca e cavalheiresca. Valentim Fernandes, um homem ligado à vida comercial do tempo, de mentalidade prática, com outra visão do mundo e das coisas.

Paris, abril de 1953.

**JOAQUIM BARRADAS DE CARVALHO.**